

Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul¹

Maria Clara Mocellin
Universidade de Caxias do Sul (UCS)
claramm@terra.com.br

GT 2: Imigração em Contextos Nacionais e Internacionais
Coordenadores: Igor José de Reno Machado (UFSCAR)
Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)

Resumo: Este trabalho trata de um processo de valorização e afirmação de identidade étnica, em Caxias do Sul e região, sobretudo durante as décadas de 1970 e 80, tendo como agentes culturais empresários e intelectuais ligados aos campos empresarial, acadêmico e cultural, dentre outros. Tal processo de valorização da italianidade pode ser explicado: pelas estratégias de grupos de interesses para legitimar e reconhecer um campo de conhecimento, pelas ações culturais para promover um grupo étnico, e pelos sentimentos de identificação grupal, nutridos pela idéia de pertencimento a uma origem comum. Para demonstrar as relações entre empresários e intelectuais, tomei como exemplo alguns eventos e projetos em que intelectuais e empresários atuavam em conjunto, e que tinham como objetivo a promoção do desenvolvimento regional e da italianidade. Para realizar essa tarefa, tomei a UCS como uma instância privilegiada de uma rede de relações que unia empresários e intelectuais na construção da italianidade. Por fim, tentei aproximá-los da concepção de intelectuais orgânicos, de Gramsci. Em relação à construção da italianidade, podem-se observar diferenças entre os empresários e os intelectuais. Para demonstrar tais diferenças, tentei compreender o sentido da produção acadêmica e das ações culturais dos intelectuais, e também procurei interpretar uma representação recorrente no discurso dos empresários: o trabalho como distinção étnica.

Palavras-chaves: Empresários, intelectuais, identidade étnica, redes de relações sociais, imigração italiana.

Este trabalho é resultado da minha tese de doutorado², que trata de um processo de valorização e afirmação de identidade étnica, em Caxias do Sul e região, sobretudo durante as décadas de 1970 e 80, tendo como agentes culturais empresários e intelectuais ligados aos campos empresarial, acadêmico e cultural, dentre outros.

Os empresários e intelectuais locais são considerados aqui agentes sociais, pois possuem um papel importante no que tange à produção das representações "autorizadas" sobre a sociedade. Esta constatação se evidencia por meio das várias atividades em que estes

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² MOCELLIN, Maria Clara. "Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul". Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, 2008 [Tese de Doutorado].

dois grupos se encontram envolvidos. Os intelectuais, por exemplo, atuam como produtores culturais, nas secretarias e centros de cultura, e também como produtores de um conhecimento local, por meio de publicações sobre o tema regional ligado à imigração italiana. Os empresários são os protagonistas das histórias de pioneiros bem sucedidos, apontadas como modelos exemplares e veiculadas pela imprensa local – rádio, jornal, televisão, entre outros meios. As atividades destes empresários não se limitam à esfera empresarial; é comum vê-los envolvidos em atividades públicas, como aquelas referentes à cultura, à educação, e também à esfera política. Depois de realizar as entrevistas com empresários locais, constatei que eles apareciam em diversos cargos fora da esfera empresarial: por exemplo, na presidência da Festa da Uva e de clubes de futebol, em comissões especiais na universidade; enfim, em várias atividades ligadas aos interesses da comunidade regional.

Estes dois grupos, empresários e intelectuais, pertencem às chamadas elites locais, emergentes nas décadas de 1960 e 70. No que diz respeito aos empresários, eles se tornam mais importantes quando setores do empresariado local são beneficiados por uma política desenvolvimentista adotada no país, abrindo assim o chamado processo de modernização econômica desta região. Em relação aos intelectuais, cabe destacar que, no final da década de 1960, foi criada a Universidade de Caxias do Sul, momento de formação dos intelectuais aqui estudados. No plano das representações sociais, os anos 1970 e 80 são marcados por uma vasta literatura sobre o tema da imigração italiana, como também por um redimensionamento nas políticas culturais praticadas pelos produtores culturais.

Em meu trabalho, chamo a atenção para o papel que as elites locais (intelectuais e empresários) possuem na produção das representações acerca da identidade na imigração italiana. Com isso, não estou negando o papel que outros grupos sociais possuem na produção destas representações; apenas me limito a trabalhar com estes dois grupos bem definidos.

Alguns intelectuais atuaram como promotores culturais, não somente escrevendo e publicando sobre o processo migratório, mas também desenvolvendo ações culturais com o objetivo de desfazer alguns estigmas associados ao colono. Este, em geral, era associado ao trabalho braçal na terra, à dificuldade de falar o português correto, etc. Havia uma vasta literatura sobre a imigração na região colonial italiana, escrita por diversos tipos de intelectuais locais; desde memorialistas, cronistas, padres, literatos, até intelectuais acadêmicos. Escolhi como universo de pesquisa estes últimos, e, neste trabalho, pergunto que razões os levaram a escrever sobre a imigração italiana, e por que produziram com tanta frequência sobre essa temática. Entendo que, na medida em que esses intelectuais produziram sobre esse tema, deram visibilidade aos descendentes italianos, e também lhes conferiram reconhecimento como grupo definido. E isso nos anos 1970. Até então, as únicas publicações

sobre esse grupo se restringiam aos álbuns comemorativos e às descrições de alguns cronistas. Tais intelectuais, pelo fato de darem visibilidade a um grupo até então pouco investigado, também conferiam reconhecimento acadêmico a si próprios. Como será explicado adiante, creio que esse grupo se define por meio de uma rede de relações que se configura segundo diferentes arranjos, relacionados aos interesses inerentes ao estudo da temática da imigração.

É a partir deste cenário aqui descrito, envolvendo eventos e agentes promotores do que denominei de “valorização da cultura local”, ou italianidade, que tomo como tema de pesquisa as décadas de 1970 e 80 na região colonial italiana do RS, mais especificamente em Caxias do Sul, para investigar os processos sociais ocorridos em relação à identidade local.

Para tanto, descrevi o processo de constituição de um campo específico de conhecimento, ligado aos estudos de imigração italiana, a partir dos anos 1970, cujos principais agentes são intelectuais de ascendência italiana da Universidade de Caxias do Sul. Concebo esses agentes como um grupo de interesse (Cohen, 1978) que se configura a partir de uma agenda de pesquisa ligada à temática da imigração italiana. Esta agenda envolve tanto interesses de pesquisadores italianos, voltados aos estudos da imigração italiana no Brasil, quanto de pesquisadores brasileiros, mais especificamente da Universidade de Caxias do Sul. Esse processo se tornou mais visível durante o ano de comemoração do centenário da imigração italiana, em que foram programadas atividades que mobilizaram diferentes agentes, tal como intelectuais, produtores culturais, empresários, políticos, dentre outros.

Em relação aos intelectuais, eles se mobilizaram na organização e articulação de seminários, debates, políticas de preservação, grupos de pesquisa e produção de publicações voltadas à temática da imigração italiana. Articularam-se por meio de uma rede de relações sociais que envolveram contatos com intelectuais de outras instituições, fora e dentro do estado; em especial, intelectuais italianos.

Quanto aos empresários, alguns deles se articularam na criação de associações italianas, participaram de eventos para incrementar suas relações comerciais com empresários italianos e também se utilizaram das leis de incentivo à cultura para financiar algumas publicações sobre a temática da imigração, bem como para financiar ações culturais nas áreas das artes cênicas e visuais (apresentações de teatro, danças e corais; exposições fotográficas, dentre outras). No meu entender, a contribuição dos empresários para a valorização da cultura italiana é mais notada no discurso que associa o progresso da região à imigração italiana do que nas ações ligadas ao agenciamento da italianidade. Os ganhos econômicos (relações comerciais ou empresariais com a Itália) eram pouco significativos. Os ganhos eram simbólicos, diziam respeito à busca de uma origem na Itália que os distinguiria dos “*brasileiros*” e os associava a um modelo de progresso.

No que se referem às ligações entre esses dois grupos, nota-se uma rede de relações que se evidencia pelas trocas estabelecidas a partir de relações pessoais, étnicas, de poder, mas também especialmente por relações estabelecidas em função das atividades intelectuais e empresariais que os unem em torno das ações culturais e das políticas para implementar estratégias de desenvolvimento regional.

No caso em estudo, as relações entre intelectuais, empresários, entre intelectuais e empresários, são relações que se estabelecem na informalidade, envolvidas por diferentes instituições, tendo em comum interesses regionais ligados a diferentes campos, como o econômico, o acadêmico, o religioso e o cultural.

Como demonstrou Cohen (1978), os grupos de interesse que se vêem na impossibilidade de sustentar organizações formais se articulam em linhas informais, recorrendo à parentela, à amizade, ao ritual, ao cerimonial e a outras atividades ou padrões simbólicos implícitos no que se conhece como “estilo de vida”. Mesmo que os agentes aqui estudados pertençam a instituições organizadas, o processo é articulado na informalidade, caracterizado por relações interpessoais, de parentesco, de etnia e de poder local. Para entender essas relações, é necessário contextualizar o que ocorreu nas décadas de 1970 e 80: um processo de afirmação de identidade, que dá visibilidade a uma etnia, a italianidade, e a valoriza (processo este que não inaugura esta identidade, mas a configura). Para identificar esse processo descrito até aqui, proponho-me a estudá-lo a partir da concepção de rede de relações, demonstrando assim como se articulam as relações que se estabelecem entre agentes, instituições e grupos de interesse.

As redes são construções abstratas que o investigador define de acordo com um critério; ou seja, as relações estabelecidas na rede se determinam por algum critério subjacente, o que permite identificar estruturas sociais que geralmente não estão formalmente definidas pela sociedade.

No caso em estudo, as redes são definidas a partir de um interesse comum. Num primeiro momento, identificam-se relações que se estabelecem entre intelectuais e/ou produtores culturais, a partir do critério de produção, organização, publicação e políticas culturais relacionadas à temática da imigração italiana.

A partir dessa rede de relações que cruza trajetórias de intelectuais e grupos de interesse, entrecruzam-se instituições, agências financiadoras, relações internacionais, interesses regionais, relações pessoais e de parentesco, relações étnicas, etc. Esses nós da rede, que cruzam instituições e interesses, permitirão identificar as relações entre os dois grupos aqui tratados – empresários e intelectuais.

O nó é um ponto privilegiado da rede na medida em que nele se cruzam relações. Um exemplo de nó, no caso estudado, é a Universidade de Caxias do Sul. A partir da posição privilegiada que a universidade ocupa na rede de relações, veremos as conexões entre empresários e intelectuais.

Essas conexões estão mediadas por relações de etnia e de poder local. Como observei anteriormente, é no período de modernização da economia regional que há um processo de valorização da cultura local. Sendo assim, é necessário contextualizar essas redes de relações que ligam diferentes agentes, instituições e interesses, a partir desse processo de valorização da cultura local. Nesse sentido, cabe questionar a quem (a que grupos) interessa afirmar essa identidade, e em que momento.

Para entender como os empresários e os intelectuais contribuíram para a construção da italianidade, tão difundida na sociedade local, parece-me fundamental, no processo aqui descrito, trabalhar com as diferentes representações de trabalho. Dentre os intelectuais, veremos diferentes interpretações do conceito de trabalho. É importante chamar a atenção para o processo de reelaboração da noção de trabalho. Tal noção foi investigada pelos intelectuais locais, e reelaborada pela sociedade regional.

Não é por acaso que a valorização da cultura da imigração italiana ocorre especialmente nas décadas de 1970 e 80, período da modernização econômica. Acrescento que é nesse período de modernização que se iniciam as migrações internas, vindas de regiões próximas à Região Colonial Italiana, como são os Campos de Cima da Serra, dentre outras. Boa parte desse contingente migratório irá compor a mão-de-obra da indústria local, especialmente aquela ligada ao pólo-metal-mecânico. Aí veremos como os descendentes de imigrantes italianos se utilizaram da categoria trabalho como uma forma de distinção étnica, no momento de contato interétnico. É o que acontece com o discurso dos empresários que associam o progresso e a modernização da região ao trabalho dos descendentes de italianos. Um exemplo disso é encontrado na literatura produzida pelas empresas (informativos das empresas): aí as histórias desses empresários se tornam exemplares; nelas, eles *são comparados à figura de um herói civilizador*.

Essa representação do trabalho, como distinção étnica é observada nos três tipos de empresários estudados: os fundadores das empresas, os herdeiros e os estrangeiros-integrados à sociedade local, que se vincularam às empresas pelo seu conhecimento técnico.

Em relação à construção da italianidade, podem-se observar diferenças entre os empresários e os intelectuais. Há, entre os intelectuais estudados, diferentes formas de interpretar a imigração, especialmente quando se reportam à noção de trabalho. Para os

empresários, o trabalho como distinção étnica é uma representação recorrente. Mas, afinal, os empresários formavam um grupo homogêneo quando comparados aos intelectuais. No que tange às representações acerca da italianidade, percebem-se entre os intelectuais diferentes filiações teóricas e influências distintas na sua formação acadêmica, enquanto que os empresários parecem constituir um grupo mais homogêneo em relação ao discurso da italianidade. Como já mencionei, pude observar as trajetórias dos intelectuais que formavam grupos de interesse de pesquisa a partir de uma rede de relações em que se cruzavam instituições, agências financiadoras, relações internacionais, interesses regionais, relações pessoais e de parentesco, etc. Quanto aos empresários, observei três tipos de trajetórias, mediadas por relações de etnia e poder local, porém com semelhantes representações acerca da italianidade. Tais trajetórias se transformaram em modelos exemplares para a sociedade local.

As relações entre empresários e intelectuais são mais visíveis quando eles se encontram em atividades de interesses comuns, como as políticas de pesquisa e ação cultural, que privilegiavam a temática da imigração italiana; e as políticas para implementar estratégias de desenvolvimento regional. Nesse sentido, a UCS se constitui num foro privilegiado para tratar as relações entre os dois grupos.

Dados sobre a Região Colonial Italiana

Este trabalho se circunscreve à Região Colonial Italiana, que está localizada na encosta superior do nordeste do estado do Rio Grande do Sul, colonizada por imigrantes italianos a partir de 1875. Encontramos várias designações para esta região na historiografia sobre o tema da imigração, entre elas, Zona Colonial Italiana (Azevedo: 1982) (Herédia:1997) ou Região Colonial Italiana (Frosi e Mioranza:1975), (Giron: 1994), (Manfroi:1975), (Costa e De Boni:1979). Nos anos de 1990 surge a designação Aglomeração Urbana do Nordeste-RS (AUNE/RS)³. Segundo Borba (2003), a AUNE é uma região urbanizada e industrializada, onde se observa, nas duas últimas décadas, um aumento da conurbação e da interdependência entre as áreas urbanas, tendentes a formar uma *aglomeração*.

³ Em 1994, surge a designação Aglomeração Urbana do Nordeste-RS (AUNE/RS), instância de Gestão Pública Regional, criada através da Lei Estadual nº 10.335, de dezembro de 1994, é integrada pelos municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Garibaldi, Farroupilha, Flores da Cunha, São Marcos, Monte Belo, Santa Teresa e Nova Pádua.

Sobre o processo de colonização no sul do país, decorrente da política migratória vigente entre o período imperial e o republicano, encontram-se inúmeros trabalhos já realizados; dentre eles, Manfroi (1975), Azevedo (1975), Ianni (1972), Giron (1994) e Herédia (1997). Neles, apresentam-se as preocupações oficiais em colonizar as terras devolutas do sul do país, povoando e ocupando o território, e criando núcleos destinados a produzir gêneros para o mercado interno e, posteriormente, o externo.

Na época da imigração italiana, o Rio Grande do Sul era constituído demográfica, econômica e socialmente pela Campanha Meridional, região de pecuária. Apesar do notório desenvolvimento econômico que a agricultura atingiu nas colônias de origem alemãs, a pecuária era ainda atividade predominante (Manfroi, 1975).

Segundo Manfroi, a população luso-brasileira se estabeleceu, de preferência, na capital e na campanha meridional. O Território das Missões, como os Campos de Cima da Serra, foram também ocupados por essa população, cuja principal atividade era a criação de gado. A colonização alemã ocupou a planície dos vales do rio Caí e do rio dos Sinos. A parte superior da Encosta da Serra, situada entre os Campos de Cima da Serra (ao norte), e as colônias alemãs (ao sul), encontrava-se deserta em 1870; e é justamente esta área que, em 1869, o governo provincial decide colonizar (Manfroi, 1975).⁴

Os contatos comerciais dessa região ocorria com a Província, com o Alto da Serra, de cultura luso-brasileira; e com diferentes grupos de colonos europeus, majoritariamente com alemães. Nos primeiros anos, porém, os imigrantes mantinham contatos mínimos e episódicos com esses grupos. Eles se tornariam mais freqüentes com o desenvolvimento do comércio dos produtos agrícolas das colônias⁵.

Na historiografia sobre o tema da industrialização da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, alguns autores (Giron: 1994; Herédia: 1997; Machado, 2001; Singer, 1977)

⁴ Devido ao fracasso da política colonizadora exercida pelo Governo Provincial do Rio Grande do Sul, (Herédia, 1997) e (Manfroi, 1975), houve uma retomada da colonização pelo Governo Imperial. Este promoveu o povoamento das colônias Conde d'Eu e Dona Isabel, fundadas em 1969 pelo governo provincial. Em 1875, o Governo Imperial funda uma nova colônia chamada Fundos de Nova Palmira, rebatizada em 1877 como Colônia Caxias, que se tornou, posteriormente, o centro da colonização italiana. Em 1877, o governo fundou a colônia de Silveira Martins, formando, com esta última, os quatro centros principais da colonização italiana. A expansão da colonização italiana efetuou-se na periferia das antigas colônias, tomando direções cada vez mais amplas e distantes. Assim foi a fundação das Colônias de Alfredo Chaves, Nova Prata, Nova Bassano, Antônio Prado e Guaporé, marcando a primeira etapa dessa expansão. Posteriormente, essa onda expansionista prosseguiu rumo às regiões florestais dos municípios de Passo Fundo e Lagoa Vermelha. A irradiação italiana atingiu a margem meridional do Planalto e, a leste, alcançou os Aparados da Serra. Depois de ter ocupado as últimas reservas florestais do vale do Uruguai, estendeu-se pelo oeste catarinense e pelo sudoeste paranaense (Manfroi, 1975).

⁵ Vale lembrar que na colonização do Rio Grande do Sul prevaleceu a pequena propriedade. Os imigrantes italianos viviam em lotes coloniais que variavam entre 25 e 30 hectares, adquiridos mediante subsídios do governo, tendo como prazo de pagamento cinco anos. (De Boni e Costa, 1994).

apontam para o papel importante do comércio na expansão econômica da região. Segundo Herédia:

“(....) à medida que os colonos imigrantes deixaram de produzir apenas para a subsistência, e passaram a produzir excedente de produtos agrícolas, transformaram a agricultura colonial em um dos elementos formadores do capital comercial, possibilitando, através desta acumulação, novos investimentos direcionados à indústria”. (Herédia, 1997:59).

Giron (1977) constatou que as quinze maiores indústrias da região tiveram como origem casas comerciais, seu capital comercial tendo sido aplicado na produção industrial. Herédia (1997), citando Singer (1977), afirma que, passada a fase inicial de desmatamento e de agricultura de subsistência, produziram-se através da agricultura excedentes que levaram a uma “agricultura comercial”, especializada na produção de gêneros alimentícios, dirigida ao mercado local, regional e, mais tarde, nacional.

Os imigrantes italianos iniciaram sua vida comercial e industrial com os alemães, já que estes últimos estavam instalados em zonas mais próximas do mercado consumidor (zonas que funcionavam como escoamento dos produtos dos imigrantes italianos) (Herédia: 1997:57,58).

Na interpretação de Singer (1977), o desenvolvimento da agricultura comercial nas colônias alemãs e italianas do sul do país só pode ser explicado quando associado aos vários papéis assumidos pela capital do estado (Porto alegre): de grande comércio, de centro financeiro, de escoadouro de mercadorias e de industrialização.

É por volta das décadas de 1930, e mais intensamente de 1940 e 1950, que começa a haver uma intensificação do comércio na região colonial italiana, com o desenvolvimento da agricultura local. Os anos 1970 são marcados por um crescimento industrial da região. Caxias do Sul teve sua participação nessa economia aumentada durante a década de 1970, tanto em termos do valor de produção, quanto no que diz respeito ao número de estabelecimentos (Bandeira e Grundling, 1988: 66,7).

Segundo Herédia (1997: 74,5), na década de 1950, e no início dos anos 1960, amplia-se o número de indústrias dessa região, em especial no setor de transformação, acelerando o crescimento econômico decorrente da política desenvolvimentista adotada no país, havendo logo em seguida a alteração do modelo econômico, caracterizado pela intervenção de capital estrangeiro. Segundo a autora, a alternativa que restou aos industriais foi a de se unirem ao capital estrangeiro, para a expansão da produção através de tecnologias modernas importadas.

Herédia (1997) demonstra a variedade e a especificidade das indústrias sediadas em Caxias do Sul, bem como o seu crescimento no decorrer no século passado. Ao final, conclui que Caxias do Sul apresenta, em sua evolução econômica, uma indústria de traços tradicionais, tais como a vinícola, a tritícola, a de alimentos, de madeira e têxtil, e uma indústria de perfil moderno, como a mecânica, a metalúrgica, a elétrica e a de transportes.⁶

Borba (2003) argumenta que, na região da Aglomeração Urbana do Nordeste (AUNE/RS), houve um esforço notável para implementar estratégias de desenvolvimento do parque industrial. Nos anos 1970 e 80, o empresariado se empenhou na consolidação do pólo metal-mecânico, na melhoria da infra-estrutura viária e na definição de áreas funcionais industriais. Já nos anos 1980 e 90, os esforços se concentraram na implementação de centros tecnológicos e de capacitação de mão-de-obra, como o Centro Tecnológico do Mobiliário (CETEMO/SENAI)⁷, em Bento Gonçalves, e o Centro Tecnológico de Mecatrônica (CTM/Senai)⁸, em Caxias do Sul.

Para essa autora, a Universidade de Caxias do Sul é a peça mais importante desse sistema regional de centros produtores de conhecimento e tecnologia. Outro exemplo que a autora vê como parte dessas “estratégias de conjunto” é o das feiras regionais, como a Festa da Uva⁹, em Caxias do Sul, e a Feira Internacional de Máquinas, Matérias Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira (FIMMA), de Bento Gonçalves.

⁶ Da mesma forma, o relatório executivo sobre a Aglomeração Urbana do Nordeste-RS, que compreende alguns municípios limítrofes pertencentes à Região Colonial Italiana, aponta que inicialmente predominavam nesta região as indústrias de beneficiamento, como as alimentares, de bebidas e da madeira. A partir da década de 1970, o perfil do setor secundário se modificou com o aumento da participação das indústrias de transformação. Hoje a Aglomeração Urbana do Nordeste-RS tornou-se um importante pólo metal-mecânico, com destaque para as indústrias metalúrgicas, mecânicas, de material elétrico e de comunicação (Relatório Executivo - Aglomeração Urbana do Nordeste-RS, 1996).

⁷ O CETEMO é um centro especializado em formação profissional, assistência técnica e tecnológica, em pesquisa aplicada e em serviços de consulta e informações à indústria moveleira.

⁸ O CTM apóia as indústrias na realização de transformações tecnológicas, com a utilização de máquinas, ferramentas de comando numérico, controladores lógicos programáveis, robôs industriais, computação gráfica, etc. Para tanto, possui um laboratório para desenvolvimento de sistemas autônomos de produção, e também faz treinamento, qualificação, pesquisa e assistência técnica.

⁹ Festa da Uva de Caxias do Sul teve seu início na década de 1930 como uma festa agrária que celebrava a vindima. Em março de 1931 foi realizada uma exposição de uvas e vinhos, chamada de Festa das Uvas. Essa festa se restringiu à cidade de Caxias do Sul e municípios vizinhos. No decorrer dos anos, a Festa foi-se alterando e incluindo: os discursos, a exposição (chamada de Feira Agroindustrial), o desfile de carros no curso alegórico (realizado na principal avenida da cidade), os banquetes e a distribuição de uvas, o canto e a dança, e os festejos populares. Quanto ao curso de carros alegóricos, desde o seu início, colocava-se em cena o mundo rural simbolizado pelos produtos uva e vinho. (Ribeiro, 2002:105, 117). Tal como argumenta Santos (2004: 121), a literatura local identifica na história da Festa da Uva quatro fases bem demarcadas: origem, de 1931-37; afirmação, de 1950-72; profissionalização, de 1975-92; e volta às origens, de 1994 aos dias atuais. A literatura identifica o período 1950-72 como aquele da profissionalização basicamente em razão da criação, em 1974, da Empresa Festa Nacional da UVA, Turismo e Empreendimentos S. A., com participação da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, da Companhia Regional de Turismo do Estado (CRTUR), da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e da Mitra Diocesana. Nesse período, a Embratur detinha 80% das ações da empresa. O período classificado como de retorno às origens coincide com a criação da Comissão Comunitária da Festa da Uva; a festa passando então a ser controlada pelo município. Segundo Santos (2004), o retorno à comunidade e às origens não faz a festa deixar de ser controlada pela elite local.

No que diz respeito à evolução da economia da Aglomeração Urbana do Nordeste, tomando quatro momentos importantes – 1985/ 90/ 96/ 99 –, Borba (2003) demonstra que houve um crescimento do setor de Serviços nos municípios mais industrializados da AUNE, e uma queda relativa do setor Industrial. Porém, a autora afirma que, em 1999, a AUNE continuava sendo mais industrializada que o Rio Grande do Sul como um todo, pois nesse ano o setor industrial representava 54,95% da economia da AUNE; na gaúcha, somente 37,05%.

Caxias do Sul é a cidade com maior número de habitantes da região, e é nela que se concentra o maior número das empresas do pólo metal-mecânico. Segundo o Censo do IBGE–2000, sua população contava, naquele ano, 360.419 habitantes; aumentando, em 2002, para 373.923; e em 2006, para 415.015, conforme os dados do resumo estatístico dos municípios gaúchos da Fundação de Economia e Estatística do RS. Igualmente, demonstra o desenvolvimento sócio-econômico de Caxias do Sul o fato da cidade possuir a maior instituição de ensino superior da região, a Universidade de Caxias do Sul.

Essa universidade foi criada em 1967, e sucedeu à “Associação Universidade de Caxias do Sul”, que fora criada um ano antes, e reunia as entidades mantenedoras das Faculdades de Ciências Econômicas, de Filosofia, de Direito, além das Escolas de Enfermagem e de Belas Artes¹⁰. Estas cinco escolas e faculdades funcionavam separadamente, até que, em agosto de 1966, uniram-se constituindo a Associação Universidade de Caxias do Sul, com participação das mantenedoras dos cursos superiores ministrados em Caxias do Sul.

A UCS é uma instituição de ensino constituída sob a forma de uma fundação, a Fundação Universidade de Caxias do Sul (FUCS); entidade jurídica de direito privado, instituída em 1974. Essa Fundação tem por finalidade a manutenção da universidade. São conselhos da FUCS: o Conselho Curador e o Conselho Diretor¹¹.

A partir dos anos 1990, essa universidade foi reestruturada, transformando-se em universidade regional integrada a três campi (contando com o campus sede em Caxias do Sul) e seis núcleos. Sua proposta a partir de então é a de oferecer atividades de ensino, pesquisa e extensão, por meio de programas acadêmicos e de prestação de serviços voltados às

¹⁰ GIRON, Loraine Slomp. Projeto *UCS – 25 Anos de História*. Instituto Memória Histórico Cultural/ Centro de Documentação Histórica. Universidade de Caxias do Sul. s/d.

¹¹ O Conselho Diretor é quem escolhe o Reitor e o Vice-Reitor da UCS. Até 2002, o reitor acumulava os cargos de reitor e presidente da FUCS. A partir de então, os dirigentes da FUCS (presidente e vice) foram eleitos em reunião pelos nove integrantes do Conselho Diretor da FUCS. Tal Conselho é assim constituído: um representante da UCS (Reitor), um representante da Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima, um representante da Mitra Diocesana de Caxias do Sul, um representante da Prefeitura de Caxias do Sul, um representante do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, dois representantes da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul, e dois representantes do Ministério da Educação.

comunidades dos municípios de sua abrangência. Atualmente, a universidade possui 37.841 alunos espalhados pelos seus campi e núcleos, abrangendo um total de 70 municípios que se localizam além da Região Colonial Italiana.

Questões de Método

O método aqui empregado é o que se denomina etnográfico na literatura antropológica corrente. Para merecer esse nome, tal método deve-se realizar em algumas etapas, necessariamente interligadas: 1. o trabalho de campo, envolvendo a observação direta, também chamada de observação participante¹², em que o antropólogo convive com o grupo que pretende pesquisar; e 2. a redação do texto etnográfico, em que, distante do “campo”, o antropólogo descreve, ou “*inscreve* as observações no discurso da disciplina”, como diz Cardoso de Oliveira (2000). Para ele, a escrita etnográfica está “marcada por uma interpretação *de e no* gabinete”. Concordo com este autor, pois, assim como ele, também entendo que a escrita etnográfica, ou interpretação da “cultura nativa” (nas categorias e conceitos básicos constitutivos da disciplina), está intimamente vinculada aos dados observados e anotados no campo. Assim, em termos gerais, não realizei uma etnografia nos moldes clássicos, que envolve não somente o deslocamento geográfico e o convívio prolongado do antropólogo com a sociedade estudada, bem como um tratamento dessa cultura em sua totalidade¹³. Tampouco realizei uma descrição densa, nos moldes propostos por Geertz (1989)¹⁴. Inspirei-me, neste trabalho, em algumas características essenciais presentes nas diferentes formas de conceber uma etnografia (algumas delas já lembradas), adaptadas aqui às especificidades de meu objeto de estudo e de minhas condições de trabalho no campo. Parece-me que o resultado do trabalho aqui desenvolvido aproxima-se daquilo que Cardoso de

¹² Lida ainda hoje como uma etnografia clássica, a que Malinowski (1976) desenvolveu, em longa pesquisa de campo entre os nativos das ilhas de Trobriand, serve como modelo para entender aquilo que chamo aqui de “observação participante”.

¹³ Tal etnografia pode ser reconhecida, por exemplo, pela disposição quase canônica dos capítulos, dedicados ao território, à economia, à organização social e ao parentesco, à religião, à mitologia, à cultura e à personalidade, dentre outras características (Cardoso de Oliveira, 2000).

¹⁴ Para Geertz, a etnografia consiste necessariamente numa “descrição densa”. Esta envolve “uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele (etnógrafo) tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar”. (Geertz, 1989: 20). Partindo do pressuposto de que a cultura é um texto que deve ser compreendido e não decodificado, a antropologia interpretativista de Geertz resulta na compreensão de um evento. Convém lembrar que o meu trabalho não se aproxima desse modelo porque os pressupostos hermenêuticos envolvidos naquilo que Geertz chama de círculo hermenêutico, retomando Dilthey, não foram desenvolvidos por mim.

Oliveira (2000: 29) denomina "monografias modernas", ou seja, monografias "que priorizam um tema, por meio do qual toda sociedade ou cultura passa a ser descrita, analisada e interpretada". O tema que permeia este trabalho, como já foi mencionado, é o da identidade étnica, analisado a partir das diferentes representações da italianidade, elaboradas e expressadas por empresários e intelectuais.

Quanto ao trabalho de campo, é importante mencionar que a observação etnográfica foi realizada em momentos distintos, segundo condições particulares do campo. Uma dessas condições particulares ao meu trabalho diz respeito à proximidade e ao convívio com os intelectuais que compõem o universo desta pesquisa. Por me sentir permanentemente no campo¹⁵, já que pesquisava o discurso acadêmico e extra-acadêmico de colegas de trabalho, julguei necessário estabelecer um afastamento em relação a eles (não de ordem geográfica, mas epistemológica). As observações de campo foram realizadas, sobretudo, em eventos em que havia a presença de empresários e intelectuais, e também realizei entrevistas com eles dando ênfase às suas trajetórias de vida. Nessas entrevistas, eu segui um roteiro que me ajudou a retrair a trajetória de vida de cada um dos entrevistados, deixando-os livres para que narrassem suas origens sociais, suas formações escolares, acadêmicas e suas atuações profissionais. Solicitei aos intelectuais que me contassem como iniciaram suas pesquisas e ações culturais na área da imigração italiana. Também perguntei suas opiniões sobre a produção acadêmica relacionada a tal temática, e sobre as ações culturais voltadas à recuperação da cultura da imigração italiana. Aos empresários, perguntei sobre suas atividades fora da empresa; suas relações com a Universidade de Caxias do Sul, com entidades de classe e com a atividade política. Também perguntei a eles se haviam investido na promoção de eventos ligados à recuperação da cultura da imigração italiana, bem como suas opiniões sobre esse movimento de resgate da italianidade. Para todos eles, apresentei a mesma pergunta: "a que você atribui o desenvolvimento da região?". Enfim, as observações de campo, confrontadas com as entrevistas e com os dados obtidos por meio de fontes secundárias, possibilitaram-me compor as trajetórias dos intelectuais e dos grupos a que pertenciam, bem como as dos empresários. Vale lembrar que as entrevistas me possibilitaram também melhor compreender as explicações dos entrevistados para determinados fatos e eventos; em outras palavras, elas forneciam pistas sobre "os modelos nativos" de que falava Cardoso de Oliveira (2000).

¹⁵ Sobre a proximidade e o convívio do antropólogo com seu universo de pesquisa, vale lembrar as reflexões de Gil (2006), no domínio daquilo que se tem chamado de "antropologia em casa". Este autor refletiu sobre os limites e possibilidades do trabalho de campo nas situações em que os nativos têm acesso ao material produzido pelo antropólogo, e igualmente analisou os impactos desse acesso para ambos (antropólogos e nativos).

Para analisar as trajetórias desses dois grupos, parto da crítica que Bourdieu (2000) fez à noção de história de vida. Esta tem como pressuposto que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva de um projeto, com consequências cronológicas ordenadas. Para este autor, há uma relação de cumplicidade entre pesquisador e pesquisado em aceitar essa “criação artificial de sentido”.

Esse autor propõe a noção de trajetória, pela qual é possível reconstituir os estados sucessivos do campo no qual a história se desenrolou, e, assim, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes, envolvidos no mesmo campo.

Kofes (2001), ao estudar a trajetória de Consuelo Caiado, toma a noção de trajetória como um processo de configuração de uma experiência social singular. Diferentemente de Bourdieu, essa autora enfatiza o sujeito, pois considera as narrativas tecidas sobre Consuelo Caiado. Nesse sentido, Kofes elabora uma crítica a Bourdieu, pois este autor - ao enfrentar as oposições que cercam o conceito de história de vida nas ciências sociais (como objetividade e subjetividade, sujeito e estrutura) - cai na armadilha de se afastar de um de seus termos. Note-se, por exemplo, a importância conferida nesta passagem aos indivíduos e às suas interpretações: “as marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações e às suas existências, que não estão incorporadas na noção de agente social”. (Kofes, 2001:24).

Bourdieu, ao criticar a “criação artificial de sentido” (explicar uma vida sem outra vinculação a não ser ao próprio sujeito), enfatiza a estrutura (espaço) que permite, ao pesquisador, analisar os estados sucessivos do campo em que a trajetória se desenvolveu. Da mesma forma, ele põe em evidência as relações que unem esse agente a outros do mesmo campo, em detrimento do sujeito e da temporalidade vivida pelo mesmo.

Partindo da crítica de Bourdieu à “criação artificial de sentido”, proponho-me a trabalhar com a noção de trajetória, levando em consideração os deslocamentos de posições dos sujeitos, num campo, em relação a outros dentro do mesmo. Esses deslocamentos de posições serão explicados por meio da análise da configuração das redes de relações. Porém, concordo também com a crítica que faz Kofes à noção de trajetória em Bourdieu, por não incorporar a subjetividade. Parece-me que as redes se constroem dentro de campos distintos, e às vezes entre campos distintos.

Sendo assim, utilizo a noção de trajetória dando ênfase aos deslocamentos de posições ocupadas pelos agentes dentro de um campo de conhecimento específico, em que se configuram os estudos sobre imigração italiana. Porém, retenho as idéias de temporalidade e

de sujeito, pois penso que as trajetórias são construídas considerando as próprias visões dos agentes em relação ao sentido que eles dão aos seus deslocamentos.

Da mesma forma, enfatizo “as marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações” quando analiso as trajetórias dos empresários. As trajetórias são construídas levando-se em conta as representações sobre elas, representações que as tornam modelos exemplares (pelos próprios sujeitos, e pelos diferentes agentes). Desse modo, essas “interpretações” dos sujeitos, e de quem escreve sobre esses sujeitos, têm aqui um valor importante para entendermos algumas representações, tais como a de “herói civilizador”, “empreendedor”, “pioneiro”, etc.

A noção de trajetória possibilita estabelecer vínculos com a história social da região. Nesse sentido, proponho-me a trabalhar com as trajetórias dos intelectuais e empresários, tentando cruzá-las com a história social, tal como fez Elias (1995), ao estudar a biografia de Mozart.

Representações da italianidade a partir das ações culturais dos intelectuais

Ao tratar das diferentes noções de italianidade produzidas por tais grupos de pesquisadores, constatei que, elas eram produzidas, sobretudo, pela preocupação com a recuperação e valorização da memória dos imigrantes e descendentes de italianos. A produção de tais intelectuais se aproximava dos estudos culturais e sua atuação era voltada não só à produção acadêmica, mas sobretudo à ação cultural. Outra noção de italianidade era verificada nos trabalhos desenvolvidos por intelectuais que foram influenciados pela abordagem marxista, e se detiveram em interpretar o processo migratório tomando os conceitos de trabalho e classe social.

A valorização da cultura da imigração italiana na região esteve relacionada ao campo intelectual, por meio de uma agenda de pesquisa vinculada a diferentes interesses e agentes.

Tal explicação me ajudou a entender um contexto favorável, que justificava, em parte, a extensa produção e publicação dos intelectuais que compõem o universo de pesquisa deste trabalho. Porém, além desse contexto favorável, há outros significados que ajudam a entender as razões de tal empenho em produzir e publicar sobre a temática da imigração, bem como em planejar e desenvolver ações culturais relacionadas aos descendentes de imigrantes italianos.

Vale relembrar que os intelectuais pesquisados têm ascendência italiana. Obtiveram sua formação escolar e acadêmica em instituições da Igreja Católica, e, em sua maior parte,

ascenderam socialmente em razão da atividade intelectual. À medida que os intelectuais escreveram sobre os descendentes de imigrantes, com a intenção de *aumentar a auto-estima dos colonos e desfazer estigmas, fortalecer a consciência de italianidade, dar voz às mulheres operárias, registrar a memória do grupo, recuperar fontes documentais e orais, e contribuir para a crítica social*, eles estavam conferindo visibilidade e reconhecimento aos descendentes de italianos.

No discurso dos intelectuais era recorrente a percepção de que até os anos 1970, com exceção dos álbuns comemorativos da imigração italiana, não havia significativa produção sobre os descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. A agenda de pesquisa, criada nos anos 1970, na área da imigração italiana na região, abriu a possibilidade para esses intelectuais entenderem tal processo migratório. Um processo do qual se sentiam fazendo parte. Entendo que o sentimento de pertencimento grupal pode explicar, em parte, o empenho desses intelectuais em produzir, publicar e desenvolver ações culturais na área dos estudos da imigração. Ao registrarem as memórias dos descendentes de imigrantes italianos, estavam eles registrando as memórias do seu próprio grupo, e reconhecendo a si mesmos. E assim, estavam sendo também reconhecidos pelos outros, como afirma Cardoso de Oliveira (2006).

Ao tomar os estudos de Santos (2004) e Ribeiro (2002) sobre algumas edições da Festa da Uva, constatei que a auto-representação que valorizava a italianidade (associada à imigração e ao mundo rural) expressa nas Festas da década de 70 e 80 corroborava com o processo descrito por mim (Mocellin, 2008), em que demonstrei o surgimento de um campo acadêmico específico de conhecimento sobre a imigração italiana (também nos anos 70-80), em que este igualmente contribuía para a valorização da italianidade. E também constatei a dupla posição de alguns intelectuais (de acadêmicos, atuando na UCS, e de produtores culturais atuando em eventos comunitários, como era o caso da Festa da Uva). Entendia que esse tipo de ação cultural contribuía para a transformação de alguns estigmas ligados à origem rural dos descendentes de italianos. Na medida em que reviviam, recuperavam e recriavam algumas atividades ligadas ao mundo rural (como foi o caso das “Olimpíadas Coloniais”¹⁶), eles conferiam positividade à sua origem e reafirmavam a sua identidade, de base étnica e rural.

¹⁶ As provas das “Olimpíadas Coloniais” são adaptações alegóricas das atividades dos colonos, ligadas aos valores e às atividades originárias do modelo de agricultura familiar predominante na região de colonização italiana. Dentre elas: manejar o trator, a carriola e a plantadeira, debulhar o milho, amassar a uva, fazer a massa. As provas são de três tipos: velocidade (corrida de trator, corrida de plantadeira, debulhar milho, corrida de carriola), resistência (amassar uva com os pés, fazer bíguli, pau da cuccagna, laço de vaca parada, arremesso de queijo), e Jogos de Bodega (Santos, 2004). Cuccagna, ou cocanha, são expressões que remetem a uma terra imaginária, na qual haveria fartura, riqueza, liberdade. Na literatura sobre a imigração italiana, são recorrentes as histórias sobre imigrantes que deixam a Itália em direção ao Paese da Cuccagna (País da Abundância). Essa era uma das representações do Brasil para os imigrantes, imagem que os agentes da imigração ajudaram a construir.

Penso que essas ações dos intelectuais se configuravam como estratégias simbólicas para promover e valorizar um grupo étnico, nos moldes que Cohen (1978) definiu. Entendo, como esse autor, que os grupos étnicos se aproximam dos grupos informais de interesse, pois não manifestam objetivos explícitos e também não são organizados de forma racional e burocrática.

Também compreendo, assim como Cardoso de Oliveira (1976, 2006), que um processo identitário se relaciona tanto às ideologias quanto às representações. E, no caso descrito, as ações dos intelectuais faziam sentido tanto pela intenção de promover um grupo étnico, quanto pelo sentimento de pertencimento grupal que compartilham. Os intelectuais investigados, ao se dedicarem a investigar um processo imigratório, e ao desenvolverem ações culturais, estavam reafirmando o seu sentimento de pertencimento a um grupo. Ao reconhecer os descendentes de imigrantes, e lhes dar visibilidade, reconheceram a si mesmos.

Os empresários: a distinção pelo trabalho

Descrevi sete trajetórias de empresários, que representam os três tipos por mim identificados: os fundadores das empresas (aqueles comparados à figura de um herói civilizador), os herdeiros, e aqueles ligados a um conhecimento técnico (estrangeiro-integrados à sociedade local). Ao descrever essas trajetórias, pretendi demonstrar como elas foram marcadas pelo esforço dos empresários para aglutinar esforços em vários campos, entre eles o empresarial, o político, o acadêmico e o cultural. Enfim, as atividades dos empresários não se limitavam ao campo empresarial. À medida que descrevi essas trajetórias, busquei estabelecer vínculos destas com a história da cidade e da região. Por isso, analisei algumas instituições de classe em que empresários assumiram cargos, bem como tentei descrever os vários tipos de relações estabelecidos por eles com vários segmentos, instituições e agentes da sociedade. Em especial, descrevi algumas trajetórias de empresários que mantinham vínculos com a UCS, estabelecidos por atividades desenvolvidas na mesma; dentre elas a de professor, reitor ou membro do Conselho Diretor da FUCS. Minha intenção foi a de demonstrar algumas relações (colaborações) entre empresários e intelectuais em atividades desenvolvidas na UCS, especialmente aquelas ligadas às estratégias de desenvolvimento regional.

Procurei expor distinções entre os empresários e os intelectuais no que tange à forma como expressavam a italianidade, apesar de partilharem um mesmo tipo de sentimento de

pertencimento grupal. E para tanto, procurei interpretar uma representação recorrente no discurso dos empresários: o trabalho como distinção étnica.

É revelador que a representação do trabalho como distinção étnica apareça no discurso dos empresários descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul, e também no dos empresários “de fora” (tomando emprestada a expressão de Elias e Scotson, 2000). Tal representação pode ser explicada pelo fato de tais empresários terem-se integrado não somente às empresas, mas também à sociedade local, por meio de atividades sociais, culturais, políticas, dentre outras. Parece-me que havia um projeto de ascensão social e econômica entre os empresários “de fora”. E para tal, era necessária a integração e a assimilação à sociedade local. Na medida em que se integram à sociedade local, por meio das suas atividades empresariais e extra-empresariais, eles partilham também de algumas representações dominantes de tal sociedade.

Quando os empresários atribuíam o progresso da região ao trabalho dos descendentes de imigrantes italianos, concebiam o trabalho e a cultura como resultado de características genéticas, nas palavras deles: “*traziam no sangue o espírito da iniciativa*”, “*o italiano traz no sangue, na cultura*”, e ainda atribuíam o progresso ao “*tipo étnico*” ou “*perfil local*”. O sangue, como categoria nativa (da mesma forma que as origens), é associado à transmissão de valores e à orientação de condutas. Em seu discurso, as dificuldades iniciais eram consideradas geradoras do “*espírito empreendedor*”. Tal concepção remetia à idéia da superação, e do que já mencionei anteriormente: *os imigrantes italianos eram comparados à figura de um herói civilizador*. Essa comparação se estabelecia mediante as representações a eles associadas: de transformar um ambiente hostil em terra produtiva, transformar um ambiente rural em urbano, superar dificuldades, arriscar em novos negócios. Enfim, são as representações que vinculam os imigrantes e seus descendentes a uma ação civilizadora de transformar e superar dificuldades.

Um dado importante a ser lembrado é que a representação do trabalho como distinção étnica se configura como discurso dominante na região nas décadas de 1970 e 80, período de modernização da economia regional. É em tal período de modernização econômica que se intensificam as migrações internas, oriundas de regiões próximas a RCI, como os Campos de Cima da Serra. Veremos então como, desse encontro interétnico entre descendentes de imigrantes italianos (já estabelecidos) com os “*brasileiros*”¹⁷ (recém

¹⁷ Regina Weber (2002) chama a atenção para a classificação que distingue os “brasileiros” dos “de origem”, presente tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina. Segundo a autora, tal classificação tem a peculiaridade de se sobrepor à tradicional classificação que divide a sociedade brasileira em negros e brancos, pois a categoria “brasileiros” (luso-brasileiros) engloba tanto negros, índios e mestiços, quanto brancos descendentes de portugueses. A inclusão na categoria “de origem” pressupõe descendência européia para um grupo que tenha se dedicado à terra.

chegados), constrói-se uma auto-representação em que os descendentes de italianos se distinguem como “*mais trabalhadores*”, “*mais qualificados*”, “*mais aptos ao trabalho*”. Tal representação também se elabora buscando nas origens as marcas distintivas, como a língua, a culinária, a religião e o próprio ethos do trabalho, dentre outras (Seyferth, 1990, Mocellin, 1993, Zanini, 2004). Outro dado interessante é que tal representação se sobrepõe às diferenciações de classes sociais, e se elabora como um discurso dominante de um grupo étnico¹⁸.

As relações entre empresários e intelectuais: a UCS como nó que os une

Por fim, para demonstrar as relações entre empresários e intelectuais, tomei como exemplo alguns eventos e projetos (Projeto de Regionalização da UCS) em que intelectuais e empresários atuavam em conjunto, e que tinham como objetivo a promoção do desenvolvimento regional e da italianidade – coisas que, em meu modo de ver, sempre estiveram relacionadas. Para realizar essa tarefa, tomei a UCS como uma instância privilegiada de uma rede de relações que unia empresários e intelectuais na construção da italianidade. Por fim, tentei aproximá-los da concepção de intelectuais orgânicos, de Gramsci.

Na medida em que apresento a UCS como um nó da rede de relações entre empresários e intelectuais, vislumbro a possibilidade de compreender tal instituição, e os diferentes tipos de relações que se estabelecem a partir dela, como um fato social total, nos termos de Mauss¹⁹ (1974). O caráter dessas relações está indissociavelmente vinculado ao econômico, ao político, ao social, ao simbólico, bem como aos desejos individuais. As ações que envolveram empresários e intelectuais para implementar estratégias de desenvolvimento

¹⁸ O conceito de grupo étnico é utilizado a partir do sentido dado por Weber (1994): em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em virtude de lembranças da colonização e da migração, determinados grupos nutrem a crença subjetiva na procedência comum, tornando-se tal crença importante para a propagação de relações comunitárias, independentemente da existência de uma comunidade de sangue efetiva. Acrescente-se também a interpretação de Barth (1969), segundo a qual a identidade étnica se caracteriza por um sentimento de pertencimento grupal baseado na auto-atribuição e atribuição pelos outros, para propósitos de classificação. Sem deixar de considerar o aspecto “manipulativo” que a identidade étnica pode tomar, é importante frisar que em alguns contextos os grupos étnicos se aproximam dos grupos informais de interesse, como demonstrou Cohen (1978).

¹⁹ Segundo Lévi-Strauss (1974), o fato social total (tal como definido por Mauss) envolve a dupla preocupação de ligar o social e o individual, bem como o físico e o psíquico. O fato social total compreende diferentes modalidades do social, diferentes momentos de uma história individual, diferentes normas de expressão, desde fenômenos fisiológicos até categorias inconscientes e representações conscientes, individuais ou coletivas. Um aspecto fundamental dos fenômenos sociais totais, para Mauss, é o caráter ao mesmo tempo jurídico, econômico, estético, morfológico, etc., de tais fenômenos.

regional não estão dissociadas das pesquisas e ações culturais que trataram da temática da cultura regional. Quando analisei a representação nativa do trabalho como distinção étnica, percebi que as relações econômicas estavam associadas às representações simbólicas, e que se poderia entender a categoria nativa trabalho somente quando apreendida nessa inter-relação. Descrevi alguns eventos relacionados à Festa da Uva para demonstrar como a auto-representação dos descendentes de imigrantes italianos sofreu transformações num contexto de modernização econômica, e é justamente em tal contexto que havia uma valorização da cultura local. Tal valorização estava vinculada às ações culturais de intelectuais que contribuíram para transformar em símbolos positivos elementos considerados pejorativos no passado. Igualmente, essa valorização se vinculava ao discurso empresarial que associava o progresso da região à imigração italiana. Tais ações também se justificavam pelo sentimento de identificação e pertencimento a um grupo étnico, partilhado entre intelectuais e empresários.

Enfim, o processo de valorização da cultura local envolvia diferentes agentes, instituições, interesses e também sentimentos de pertencimento grupal, e nessa rede de relações a UCS se tornava uma instituição agregadora dessas diferentes relações. Sua atuação regional/comunitária envolvia campos e interesses distintos, tais como o acadêmico, o político, o empresarial, o religioso, dentre outros. É por esse caráter agregador da universidade que ela se tornava um foro em que diferentes relações e interesses se cruzam, estabelecendo relações de obrigação, dependência e reciprocidade entre diferentes indivíduos e grupos.

Quanto ao segundo aspecto (entender a atuação dos intelectuais e empresários segundo a concepção de intelectuais orgânicos de Gramsci), deve-se ressaltar que a atuação dos mesmos extrapolava os campos empresarial e acadêmico. Como já foi descrito anteriormente, em várias situações e eventos os empresários e os intelectuais atuavam em conjunto. Tomei a UCS como um foro revelador da rede de relações estabelecidas a partir da atuação desses dois grupos.

A capacidade intelectual de dirigir, de empreender²⁰ e de aglutinar esforços dos empresários, tanto no campo empresarial, quanto nos campos social, político e acadêmico,

²⁰ Essa noção de empreendedor está presente na definição de Schumpeter (1982) para os empresários. Segundo esse autor, entre os atributos que definem o empresário está sua particular inserção na sociedade de classes na qual surge. Na interpretação que Ruben (1995) dá ao conceito schumpeteriano, o empresário é um sujeito essencialmente *declassé*, pelo menos em algum momento de sua trajetória; ou seja, seu conjunto não forma uma classe social no sentido técnico (o que, para Schumpeter – diz Ruben –, é uma consequência de seu principal atributo: a possibilidade de materializar combinações novas entre os diferentes fatores de produção e as inovações tecnológicas).

revelava o caráter orgânico, atribuído por Gramsci a uma determinada categoria de intelectuais.

Segundo Gramsci (1978), no mundo moderno a categoria de intelectuais se ampliou. Eles nem sempre foram criados pelas suas necessidades de produção, mas por necessidades políticas. No caso do objeto de estudo aqui tratado, os dados apontam para outras relações que ultrapassam as necessidades sociais de produção: as relações étnicas e políticas.

Em relação aos intelectuais, suas atuações estavam voltadas não só à produção acadêmica, mas também à ação cultural. Isso pode ser testemunhado pelas suas diversas atuações em diferentes campos: na pesquisa sobre cultura regional, nas ações culturais das secretarias municipais e estaduais, em projetos que envolviam ações culturais e estratégias de desenvolvimento regional na UCS, nas ações culturais das associações italianas, dentre outras.

As relações étnicas se constituem num elemento importante para identificar um processo identitário que ocorre entre grupos de interesses (envolvendo diferentes agentes), num momento de modernização econômica e ao mesmo tempo de valorização da cultura local. Em outras palavras, trata-se de um processo identitário que dá visibilidade a um grupo étnico, e o valoriza. No caso dos intelectuais, parece-me que as relações étnicas estão vinculadas aos interesses de promoção de um grupo étnico, sem deixar de levar em conta os sentimentos de pertencimento grupal envolvidos nas ações de tais intelectuais.

No caso dos empresários, as relações étnicas aparecem nos discursos que utilizam símbolos étnicos (caso do imigrante italiano), e os associam às noções de sucesso, espírito empreendedor, empresário, entre outras. De formas diferentes, os empresários, bem como os intelectuais, tornam-se promotores da valorização da cultura local, produto da imigração italiana e de relações interétnicas.

As relações entre empresários e intelectuais se estabelecem em razão do caráter político-intelectual orgânico das suas atuações. As atuações nos campos empresarial ou acadêmico nutrem o trabalho do intelectual orgânico, e se sobrepõem a ele. Há distinções de atividades, porém elas estão interligadas; uma influencia a outra, e certamente se estabelecem permeadas por tensões políticas, sociais e culturais.

Considerações Finais

Neste trabalho, demonstrei um processo de valorização e afirmação de identidade étnica, ocorrido, sobretudo, durante as décadas de 1970 e 80, tendo como agentes culturais

empresários e intelectuais ligados aos campos empresarial, acadêmico e cultural, dentre outros.

Contribuíram para esse processo de valorização da italianidade alguns fatores importantes. Podem-se citar, em especial, a constituição de um campo específico de conhecimento sobre a temática da imigração italiana, a atuação conjunta de empresários e intelectuais nas políticas de ações culturais e de desenvolvimento regional, o processo de modernização da economia local e as representações simbólicas associadas a tal processo.

Como tentei demonstrar, o processo de valorização da italianidade envolveu grupos de interesse ligados à pesquisa sobre a temática da imigração e às ações culturais voltadas à promoção de um grupo étnico. Porém, essas diferentes formas de expressar a italianidade trouxeram consigo um sentimento de identificação e de pertencimento grupal. Tal sentimento também ajudou a explicar a atuação e a produção desses promotores culturais.

A UCS foi uma instituição que teve papel importante em tal processo de valorização da cultura local. Ela se apresentou como um nó da rede de relações entre empresários e intelectuais, em que pudemos vê-los atuando na pesquisa acadêmica, nas ações culturais e nas estratégias de desenvolvimento regional. Em relação à pesquisa acadêmica, ligada ao tema da imigração italiana, a UCS autorizou diferentes interpretações sobre o processo migratório; sejam aquelas de influência marxista, sejam as que se aproximaram dos estudos culturais. Na medida em que os intelectuais da UCS produziram interpretações do processo migratório, e dos seus desdobramentos na vida política, social, econômica e cultural da cidade de Caxias do Sul e região, conferiram reconhecimento acadêmico aos descendentes de imigrantes italianos, e ao mesmo tempo se auto-reconheceram, podendo igualmente ser reconhecidos pelos outros.

De formas diferentes, os empresários e os intelectuais, no papel de agentes culturais, produziram representações simbólicas sobre a italianidade. De uma forma mais ampla, no entanto, os descendentes de imigrantes italianos sentiram-se identificados com a produção escrita sobre a temática da imigração. Essas narrativas foram incorporadas e reelaboradas pelos descendentes – e, em alguns casos, também por não descendentes. Os próprios empresários se utilizaram de tal produção, e a incorporaram em seu discurso e nos informativos de suas empresas. Quando associaram o desenvolvimento da economia regional às origens italianas, eles de alguma forma reelaboraram e se utilizaram de um “conhecimento científico” produzido pelos intelectuais. Sentiram-se, pois, respaldados por esse “conhecimento científico”, que reconhecia e conferia visibilidade a um grupo étnico.

As ações culturais com propósitos de promoção de um grupo étnico, especialmente aquelas que conferiram positividade às origens e desfizeram determinados estigmas ligados a elas, também se utilizaram dessa produção acadêmica. Do mesmo modo, os produtores

culturais assim o fizeram, e sentiam-se igualmente legitimados por um “conhecimento científico”.

De forma geral, os descendentes de imigrantes italianos se identificavam com as diferentes narrativas produzidas tanto pelos intelectuais (produtores culturais), quanto pelos empresários. Isso nos ajuda a entender o envolvimento dos descendentes nos diversos eventos promovidos com o propósito de valorizar a cultura da imigração italiana, como a Festa da Uva. Houve, nesses eventos, uma mobilização por parte dos descendentes, movidos por um sentimento de identificação e de pertencimento grupal. Como assinalou Ricoeur (1988), o relato das origens propicia ao homem emergir do tempo histórico para o tempo fundamental. Tal ligação, entre tempo histórico e primordial, desenvolve sentimentos de afetividade com as origens; sentimentos que se sobrepõem às diferenciações de classes sociais. Nesses eventos que envolvem a narrativa das origens, os descendentes se sentem pertencentes a um mesmo grupo étnico, mesmo que entre eles existam muitas diferenças econômicas e sociais.

Nesse sentido, parece-me que os empresários e os intelectuais, aqui apresentados como agentes culturais importantes, produziam diferentes simbologias da italianidade; que, por sua vez, acabaram nutrindo sentimentos de identificação e pertencimento grupal entre os descendentes, independentemente de sua situação econômica ou social. Tais idéias e simbologias se apresentaram, em alguns casos, sob a forma de representações dominantes de uma sociedade, tal como a representação do trabalho como forma de distinção étnica, ou a que associava o imigrante a um *herói civilizador*. Enfim, essas representações simbólicas circulam ainda pela sociedade e nutrem sentimentos de pertencimento grupal, mesmo que permeadas por tensões culturais, como as que existem entre os grupos já estabelecidos e os recém-chegados.

Tratei apenas das representações da italianidade, contudo, gostaria de chamar a atenção para possíveis mudanças nas ações culturais. Nos últimos anos, podem-se notar nelas, e nos discursos de seus agentes, a incorporação de elementos que fazem menção à diversidade cultural. Isso pode ser visto, por exemplo, na escolha do tema da edição da Festa da Uva de 2006 – “Alegria de Estarmos Juntos” –, que destacou a contribuição das diferentes etnias na formação sócio-cultural de Caxias do Sul. Parece-me que, nestes últimos anos, há uma revisão nas ações culturais no que tange à afirmação da italianidade. As ações que valorizam e reafirmam a italianidade são muitas na região (como tentei demonstrar); porém, ao longo do trabalho de campo, pude observar também ações que envolveram grupos que não faziam parte das simbologias dominantes da cidade. Dentre os elementos que podem explicar essas revisões, é bom lembrar a influência da agenda do multiculturalismo (Hall, 2003), referente às estratégias adotadas para administrar problemas de diversidade e multiplicidade étnica e

cultural presentes nas sociedades multiculturais. Tal influência é notada tanto no campo acadêmico, sobretudo com o desenvolvimento dos assim denominados Estudos Culturais, quanto no campo cultural, por meio de ações e políticas específicas. Essa agenda, que teve papel importante na valorização da italianidade (reconhecimento de um modo diferente de ser brasileiro), também contribuiu para a revisão das ações culturais que objetivavam o reconhecimento de outros grupos étnicos. Pudemos ver isso na programação do curso alegórico da Festa da Uva de 2006, que também homenageou, por exemplo, negros, indígenas e alemães, por suas contribuições à cultura regional.

O processo identitário da italianidade aqui descrito envolveu afirmação, valorização, reconhecimento e promoção de um grupo étnico. Procurei demonstrar que tal processo pode ser explicado: 1. pelas estratégias de grupos de interesses para legitimar e reconhecer um campo de conhecimento, 2. pelas ações culturais para promover um grupo étnico, e 3. pelos sentimentos de identificação grupal, nutridos pela idéia de pertencimento a uma origem comum. Essas diferentes simbologias da italianidade, produzidas pelos agentes aqui investigados (empresários e intelectuais), não são fixas, mas se transformam, circulam por vários grupos na sociedade, são incorporadas, reelaboradas e traduzidas de diferentes formas, de acordo com as vivências, experiências e posições sociais dos indivíduos. Nesse sentido, a italianidade é produto de sentimentos, representações, estratégias, derivados dos encontros e confrontos entre distintos grupos e indivíduos.

Também procurei demonstrar que o caráter intelectual orgânico dos agentes aqui analisados está relacionado aos aspectos étnicos. Assim, entendo esses agentes como pertencentes a um grupo étnico, concebido como um grupo informal de interesse (Cohen, 1978) que adota estratégias simbólicas, já descritas aqui, para conferir a si mesmo reconhecimento e visibilidade.

Bibliografia

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 2ª edição, 1982.

AZEVEDO, Thales de. *Os Italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de campo*. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

BANDEIRA, Pedro S. e GRUNDLING, Nilton A. *Distribuição Geográfica do Crescimento Industrial*. Porto Alegre: FEE/CODESUL, 1988.

BARNES, J. A. “Redes Sociais e Processo Político”; in FELDMAN BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

BARTH, F. “Introduction”; in F. BARTH (ed.) *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*. Bergen/Oslo: Universitetsforlaget; London: George Allen & Unwin, 1969.

BORBA, Sheila Villanova. *Indústria e Estruturação do Espaço Regional: agentes da estruturação espacial na aglomeração urbana do nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. [Tese de doutorado].

BOURDIEU, Pierre. “A Identidade e a Representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região”; in BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”; in AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Caminhos da Identidade: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

Centenário da Imigração Italiana 1875-1975 (álbum comemorativo). Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Edel, 1975.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Antropologia do Brasil. Mito - história - etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1987.

COHEN, Abner. *O Homem Bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

COSTA, Rovílio e outros. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradição*. Porto Alegre: EST, 1975.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis A. *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

DE BONI, Luis A (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.

DE BONI, Luis A (org.). *A Presença Italiana no Brasil – vol II*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1970.

ELIAS, Norbert. *Mozart. Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: ISBIEP, 1975.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GIL, Gastón Julián. “Controles Etnográficos y expertos en el campo: cuando os ‘nativos’ nos lêem”. In Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, nº 20 (2003-2005). Buenos Aires: Secretaría de Cultura/Presidência de la Nación, 2006.

GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Litório: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlanda, 1994.

GIRON, Loraine Slomp. “Leituras da Imigração”; in DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz P. (orgs). *Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e Anais do IX Fórum de Estudos Ítalo-*

GONÇALVES, Maria do Carmo Santos; OLIVEIRA, Giovana Mendes. “Panorama Atual da Migração para Caxias do Sul”; in HERÉDIA, Vânia B. M.; ZUGNO, Paulo L.(orgs.). *Anais do Seminário Internacional Vêneto/RS: modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. *Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

IANNI, Constantino. *Homens sem Paz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

IANNI, Octávio. “Aspectos Políticos e Econômicos da Imigração Italiana”; in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

KOFES, Suely. *Uma Trajetória, em Narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução: a obra de Marcel Mauss”; in MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul - 1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Coleção Os Pensadores*; São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MANFROI, Olívio. *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.

MINCATO, Ramone; MOCELLIN, Maria Clara; “Igreja Católica e Formação Político-Cultural de Elites Regionais”; in: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (orgs); *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

MOCELLIN, Maria Clara. *Narrando as Origens: um estudo sobre a memória mítica entre descendentes de imigrantes da região colonial italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993 [Dissertação de Mestrado].

MOCELLIN, Maria Clara. “Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul”. Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, 2008 [Tese de Doutorado].

POZENATO, José Clemente. *A Regionalização como Estratégia de Acesso ao Conhecimento*; Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Carlos, 1995 [Dissertação de Mestrado].

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. *Festa & Identidade: como se faz a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RUBEN, Guillermo R. “Teoria da Identidade: uma crítica”. *Anuário Antropológico/86*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

RUBEN, Guillermo R. “Empresários e Globalização: prolegômenos de uma metodologia antropológica de compreensão e ação”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº 28. São Paulo: ANPOCS, 1995.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o Fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul-RS*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 2004 [Tese de doutorado].

SCHUMPETER, Joseph. *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SEYFERTH, G. "Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso)". *Anuário antropológico 91*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo: Nacional, 2ª edição, 1977.

WEBER, Max. "Relações Comunitárias Étnicas"; in *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora da UnB, 3ª edição, 1994.

WEBER, Regina. "A Construção das Origens: os "alemães" e a classificação trinar"; in RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero. *RS: 200 Anos Definindo Espaços na História Nacional*. Passo Fundo: Editora da UFPF, 2002.

WEBER, Regina. "O Avanço dos Italianos". *História em Revista*; v. 10. Pelotas, UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica. (VII Encontro Estadual da ANPUH-RS). Dez., 2004.

ZANINI, Maria Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.